

CRISE NO CONGRESSO

Durante depoimento, Heloísa Helena, a primeira a questionar ACM, emociona colegas ao afirmar que não podia continuar refém da versão do senador

Petista aponta contradições e exige lista

DOCA DE OLIVEIRA
e RENATA GIRALDI

BRASÍLIA – Acusada de ter votado contra a cassação do ex-senador Luiz Estevão, a senadora Heloísa Helena (PT-AL) exigiu ontem que o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) apresente a lista com os votos. Com discurso duro, durante sessão do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar do Senado, ela pediu a suspensão do depoimento e chamou atenção para o que qualificou como “contradições do senador baiano”. “Eu não aceito ficar refém de sua palavra, a minha história não merece ficar refém de sua memória, a lista tem de ser mostrada”, exigiu. “Nesse mundo da política, sabemos que uma lista como essa é uma preciosidade.”

Visivelmente nervosa, a senadora alagoana fez intervenção contundente, levando alguns parlamentares às lágrimas, como a senadora Marina Silva (PT-AC). “Depois desses dois anos de convivência, as pessoas já sabem que sou muito intolerante e extremamente radical, mas tenho serenidade neste momento”, afirmou.

Declarando-se uma pessoa religiosa, habituada a ler a Bíblia, a senadora petista foi dura com seus pares. “Depois dos últimos acontecimentos, de toda essa sujeira, ninguém mais pode falar em Deus, tamanho o cinismo e a dissimulação”, atacou, referindo-se às várias versões e desmentidos dados pelos envolvidos no caso.

“Nem nos emocionarmos podemos mais, porque o povo vai se lembrar de que as pessoas choram, se emocionam e, depois, mudam tudo.” Segundo ela, dada a posição do senador baiano, chegou a acreditar que os boatos da violação do painel seriam apenas “comentários vazios de mesa de bar, vindos de

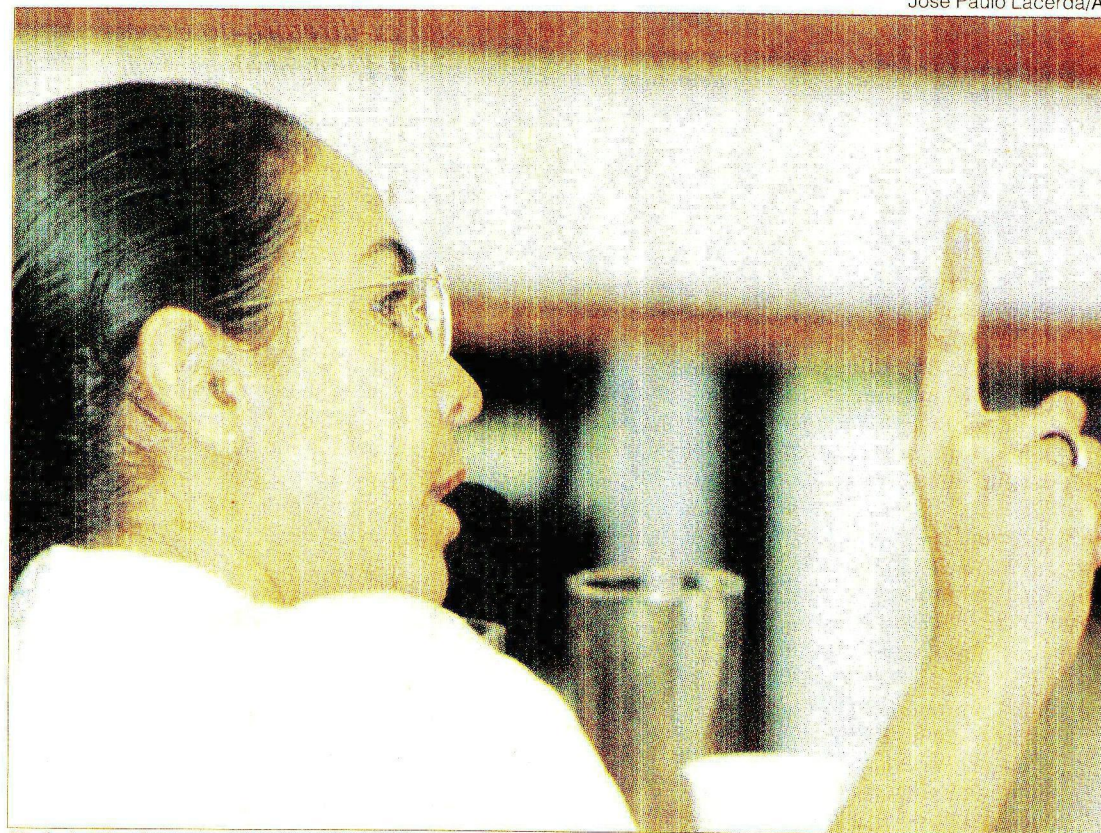
homens desqualificados”.

“Quando li a conversa do senador com os procuradores, fiquei assustada”, disse. “O ex-presidente do Senado, que me defendeu em plenário, havia trocado sua versão.” Ela fez questão de dizer que se sentiu desprotegida. “Era a palavra do homem mais poderoso do País contra a minha, um homem que tem muitos amigos”, comentou. “Nem a minha palavra, nem a minha honradez, nem a minha história valiam.”

Confronto – Heloísa Helena fez questão de confrontar seus colegas com todas as declarações dadas por ACM sobre o caso. Lembrou que, em março, quando foi publicada a primeira nota sobre a violação do painel e que foi citada como aliada de Estevão, o senador baiano saiu em sua defesa, descartando a violação do equipamento e qualquer tipo de conhecimento sobre o assunto.

Ela lembrou discursos e entrevistas do senador negando ter tido acesso à lista e a sua nova versão sobre os fatos. Usou notas taquigráficas do Senado e cópias de reportagens publicadas pela imprensa. “Em 17 de abril, o senhor disse que não havia lista nenhuma e que não recebera lista nenhuma”, afirmou. A senadora deixou o conselho antes que a sessão terminasse.

Parede – O mesmo perfil que o consagrou na política nacional – o de um homem duro, que não admite ser contrariado e habituado a compilar dossiês para neutralizar adversários – serviu ontem para que os membros do Conselho de Ética colocassem ACM contra a parede.



Heloísa Helena pressiona ACM durante o depoimento: participação contundente e decisiva

MARINA SILVA VAI ÀS LÁGRIMAS E FALA DE DEUS

Para seus colegas, a leniência com que tratou o episódio contradiz com a forma como conduziu os seus 50 anos de carreira política. Os senadores também deixaram claro que o fato de ele ter negado repetidas vezes, em entrevistas à imprensa e em discursos no plenário, ter tido conhecimento da lista com os votos que cassaram Estevão compromete a credibilidade da sua versão dos fatos.

“É preciso justificativa convincente para as suas contradições”, avisou o senador Saturnino Braga (PSB-RJ), relator do processo por quebra de decoro parlamentar. “Fica difícil acreditar que o (José Roberto) Arruda não lhe tivesse avisado

da conversa com Regina Borges (ex-diretora do Serviço de Processamento de Dados do Senado, Prodasen). Há indícios de que o senhor sabia”, acrescentou, referindo-se ao fato de ACM ter aceitado falar com a servidora, por telefone, a pedido do ex-líder do governo no Senado, e por ter ficado de posse da lista com os votos. “Qualquer um de nós acreditaria que o senhor lhe passaria um pito, mas o senhor a tranquilizou”, argumentou Saturnino. “Esse procedimento não condiz com sua atitude usual, seria o caso de demiti-la ou dar-lhe uma advertência muito dura.”

“Como é que vamos saber que a versão de hoje é a verdadeira”, perguntou o senador Ney Suassuna (PMDB-PB), lembrando que, até poucos dias, ACM garantia, com ve-

mência, jamais ter visto lista alguma. “O senhor é cioso de sua autoridade e sabe exercê-la”, ponderou o senador Jefferson Peres (PDT-AM), frisando que Arruda lhe procurara após ter feito uma “coisa estarrecedora”. Em uma intervenção dura, Peres também insistiu em saber por que ACM não tomara nenhuma providência e por que mantivera a lista em seu poder.

“Vossa excelência tinha o hábito de fazer dossiês, por que não guardou a lista”, perguntou o senador Osmar Dias (PSDB-PR). “Estamos diante de um dilema, pois não dá para entender a intenção do Arruda ao entregar-lhe a lista”, ponderou. “Acho que o presidente deveria ter tomado providências, a impressão é que Vossa excelência teria prevaricado”, atacou o senador Antero Paes de Barros (PSDB-MT).

A REAÇÃO DOS SENADORES

O que os parlamentares disseram a ACM durante o depoimento

“Eu não aceito ficar refém de sua palavra, a lista tem de ser mostrada. Neste mundo da política, sabemos que uma lista como essa é uma preciosidade. A minha história não merece ficar refém da sua memória.”
Heloísa Helena (PT-AL)

“É preciso uma justificativa convincente para as suas contradições. Fica difícil acreditar que o Arruda não lhe tivesse avisado da conversa com Regina Borges, há indícios de que o senhor sabia. Qualquer um de nós acreditaria que o senhor lhe passaria um pito, mas o senhor a tranquilizou. Esse procedimento não condiz com sua atitude usual, seria o caso de demiti-la ou dar-lhe uma advertência muito dura.”
Saturnino Braga (PSB-RJ)

“Como é que vamos saber que a versão de hoje é a verdadeira?”
Ney Suassuna (PMDB-PB)

“Vossa excelência tinha o hábito de fazer dossiês, por que não guardou a lista?”
Osmar Dias (PSDB-PR)